desleituras
Número 2
fev./mar. 2022

LÓGICA E IMAGINAÇÃO

Flávio R. Kothe

Pascal assegura que acima de tudo ele preza a honestidade, mas tem um pensamento curto que diz "poète, et non honnête homme".[1] A ficção seria uma desonestidade. Outro pensamento comenta o provérbio latino "in vino veritas", dizendo que é preciso não haver vinho demais nem vinho de menos para buscar a verdade. Se o vinho é o acesso ao subconsciente, isso significa que é preciso ampliar a racionalidade para além do âmbito consciente. Será que Pascal, saindo da ciência e se tornando monge católico, era honesto a ponto de acusar os poetas de serem desonestos, por que não ver antes a desonestidade nas crenças? Ele acreditou na ficção do "milagre do espinho de Port Royal" e nas ficções produzidas por poetas em Roma sobre Cristo.

Embora Descartes tenha questionado a correção de muitas percepções sensoriais, Pascal questionou mais radicalmente a validade da imaginação. Comparado com ele, Wolff, Baumgarten, Gerard e Kant são ingênuos em

[1] Pascal, René. *Pensées*. Paris, Garnier-Flammarion, 1976. A tradução às vezes é própria, outras vezes segue a de Sérgio Melliet publicada em 1979, na Coleção Pensadores, da Editora Abril de São Paulo.

sua visão otimista quanto ao papel dela no conhecimento. Que Pascal exclua o poeta do âmbito das pessoas honestas ("honnêtes hommes" foi traduzido, na Edição da Abril, por "homens de bem", o que talvez não seja a mesma coisa, pois estes tendem a ser confundidos com "homens de bens", que é exatamente o que ele estava questionando), pode levar a duvidar da honestidade dos homens honestos, mas aponta nos poetas tipos enganadores, que dão às palavras sentidos pouco habituais e inventam coisas que não existem.

Fernando Pessoa fez uma variação em torno disso, dizendo que "o poeta é um fingidor que finge que é dor a dor que deveras sente", o que aponta para a elaboração do sofrimento (como poderia ser também da alegria) no texto a partir de uma dor real, efetiva. Seria a mímese como uma produção nova por imitação, à qual se objetaria não ser o original, portanto menor. Ora, a nova produção se torna mais significativa à medida que modifica a coisa que foi ponto de partida, ampliando sua expressividade. Mesmo no sonho, as mudanças nas cenas rememoradas são feitas em função de forças reprimidas que querem alcançar expressão.

Essa dor que deveras se sente é mimetizada, como ponto de partida, mas transmutada de maneira que, no ôntico que parece casual se capta algo ontológico, mais abrangente, de caráter simbólico, que se torna significativo para outros. Costuma-se dizer que a teoria mimética provém de Aristóteles, pois efetivamente ele, na Poética, diz que o homem é um animal imitador. Mais que o homem, camaleão e polvo são imitadores também. Isso

por si não gera arte. O que a gera é a diferença introduzida, a "deformação significativa". A imitação já está, porém, na criação bíblica do homem à imagem e semelhança de Jeová" (um absurdo lógico), no primeiro mandamento da lei mosaica, que proíbe qualquer forma de imitação (mas Deus tudo pode).

Na mesma obra, Aristóteles tem a passagem de que a poesia seria mais universal do que a história, já que esta contém episódios singulares, enquanto a poesia seria mais "universal", por contar o que poderia ter acontecido. Isso está mal formulado nas duas direções. Os episódios históricos não são contados como contas isoladas de um rosário, mas dentro de uma sequência que intenta ser significativa, pois pretende ver algo mais amplo que cada um deles, como a formação de um país, a política de uma classe, a expansão e decadência de um império. O que se propõe na poesia conjuga o singular e o universal no particular de um modo típico e significativo.

"O que poderia ter acontecido" leva ao princípio da verossimilhança, que é fundamental em Baumgarten. Subjacente está o conceito de verdade como identidade, seja do que está no real em relação a um mundo das ideias, seja a realidade se refletindo na mente como num espelho. O "semelhante a" busca uma identidade e se mensura por ela, como se supõe que a "verdade" seja a adequação entre a coisa e o que está na mente, ou seja, um ad-aequum, ao mesmo (o que não acontece, não há um "igual a"). Isso se expressa na matemática pelo X = Y. Ele nunca é, porém, o igual, seja porque a imagem que está na mente não é a própria coisa, seja porque a igual-

dade matemática é um "arredondamento", um fingir que é exatamente igual o que é apenas semelhante: ao se desconsiderar a diferença, pode-se perder o substancial, o diferencial.

Dois mil anos de cristianismo impregnaram nas mentes a noção de que há um ente que é O Ser, Deus. Aristóteles já havia observado, no entanto, que nenhum ente pode ser o ser, pois ele é um ente determinado, não um ente que possa ser todos e tudo. Com esse O Ser, colocou-se a transcendência em um além, separado dos homens, acima de tudo, para dar poder a uma casta religiosa que se propunha e se impõe como a única conexão entre esses dois mundos: ela tem o cadeado, a chave e a porta da salvação. Mudou-se o sentido de transcender.

Temos de abandonar essa porta. Ela não leva a nada, ela é o nada. Ao propor que esse Ser Supremo seria a unidade de tudo, sugere que o ser está em tudo porque tudo é produto de sua criação a partir do nada. Ele é, portanto, paradoxal: por um lado, separado de tudo; por outro, em tudo, sendo tudo. Ele quer ser O Ser, mas não passa de um ente.

Platão, na "República"[2] (Politeia – não propõe um governo republicano de governo e sim de uma casta de filósofos) são propostas duas alternativas para a questão de como coisas que tenham alguma identidade passam a ter um determinado nome que as designa: ou se teria um modelo, um protótipo no mundo das ideias, que

[2] Platão. *A república*, Lisboa, Fundação Gulbenkian, 7ª edição, 1993, tradução de Maria Helena Pereira.

seria copiado nas coisas, ou então se teria a fabulação de um nome pelo reflexo das coisas na mente, como se esta fosse um grande espelho. Assim se inventou uma contraposição entre idealismo e materialismo, que imperou por vinte e cinco séculos, em que os adeptos do primeiro se acharam melhores que os do segundo, até que o marxismo abalou essa crença. Hoje se trata de superar os dois, questionando seu ponto de partida lógico: a verdade como equivalência.

Seja a realidade uma cópia do mundo das ideias, seja o mundo das ideias um reflexo de uma realidade pré-existente, o que se tem é uma "equivalência" entre dois mundos, uma duplicação em que um deve "valer tanto quanto" o outro, ou ao menos ser sua cópia fidedigna. Quando se dá prioridade ao mundo prévio das ideias, todas as cópias são inferiores aos protótipos. Quando se priorizam as coisas reais, todo conceptual se torna algo imaginário, uma fabulação que pode ou não ser.

De um ou de outro modo, a verdade seria a adequação (ad aequum), uma identidade entre as duas instâncias. Isso se expressa na matemática com uma equação em que X = Y. Tanto nas academias gregas havia no pórtico a vedação de entrar quem não entendesse de matemática, quanto no pensamento moderno, com Descartes, Leibniz, Wolff e Kant, o modelo geométrico matemático foi proposto como "ideais claras e distintas", tendo a chancela de Deus, que impediria que, mesmo o sujeito dormindo, 2 + 3 não deixaria de ser = 5 e um triângulo não deixaria de ser uma figura geométrica com somente três ângulos. Não se mudou propriamente o

modelo de pensamento. Esse exemplo de 2 + 3 = 5 que é discutido por Descartes já aparece em Aquino, que por sua vez o cita de Agostinho.

Modelo de "ideias claras e distintas" era, no entanto, o catecismo. As perguntas servem aí para propiciar as respostas prévias, não para questionar algo. As "respostas" são dogmas da fé, crenças sem comprovação científica. Não derivam de acirrada argumentação teórica ou exame laboratorial. Suspendem a razão crítica.

Deus aparece aí como garantia do pensamento verdadeiro. Pressupõe-se que verdade seja analisar na predicação o contido no sujeito, mas o sujeito não poderia ser contraditório. O sujeito final do conhecimento seria, porém, Deus, cujo princípio seria a auto-identidade, A = A. Só que ele não é assim, inclusive ele muda ao longo dos séculos. O homem não ousava pensar por si, embora ele mesmo tenha criado esse deus fantasmagórico. Para não ter mutações, Deus precisa ser eterno, sempre igual, um *flat character*, um chato.

Ele é, porém, contraditório. Ele é identificável como um ente com características especiais, mas quer ser também o ser dos seres, o que é uma impossibilidade lógica. Diz Aquino: "A verdade que permanece ao perecerem as coisas é a verdade que existe na inteligência divina, que é uma só. A verdade sob cuja luz a inteligência do homem tudo julga é a Verdade Primeira."[3] Como é que ele pode saber que a inteligência divina é uma só?

[3] Aquino, Tomás de. *Seleção de textos*, São Paulo, Coleção Os Pensadores, Abril Cultural, 2004, p. 80.

Ele crê que seja assim, isso não significa que seja. Essa "Verdade Primeira" não é verdade nem primeira e nem maiúscula, pois é uma crença derivada de um platonismo idealista que falsificou Platão e não soube ler a ironia nele. Ela é uma crença cheia de absurdos. Não é pela santificação de Aquino, Agostinho, Anselmo e outros que desaparecem as anomalias de sua lógica.

Aquino afirma que: "Desde toda a eternidade o Pai gerou o Filho, e o Espírito Santo procedeu de ambos."[4] Isso é absurdo. Gerar é produzir no tempo, não na eternidade. Se o Pai com o Filho "geram" (como? por incesto homossexual?) o Espírito Santo, há uma sucessão de precedência, o que patrocina também uma ordem de prioridade, de relevância. Se não houvesse um "pai" primeiro, não poderia haver filho nem espírito mais ou menos santo. O filho faz com que o pai seja pai, portanto ele é o pai do pai. Ser pai não é o mesmo que ser filho, são tendências com características opostas. O fato de o filho ser quem torna pai o pai não faz com que o pai enquanto gerador não tenha de ser anterior ao filho. É uma falácia, um paralogismo o que Aquino aí constrói. Que ele seja santificado não torna imune o que diz. Querer gerar temor reverencial é sinal de fraqueza do argumento.

O que não se tinha entre os gregos, talvez exceto os pitagóricos, era a crença em um Deus todo poderoso a garantir números e geometrias. Aristóteles argumentou claramente, porém, que o número sempre é número de alguma coisa, portanto ele não é anterior às coisas

[4] Idem, p. 86.

que são contadas, contabilizadas. Não é o número que gera as coisas; são as coisas que geram os números, as numerações. Elas ocorrem no espaço e no tempo. Cantar hosana nas alturas pela eternidade é um contrassenso.

Como foi feito esse Deus único e verdadeiro? Ele tem uma história também. Jeová não é idêntico a Deus Pai, pois não tinha mulher nem filho. O cristianismo diz que ele é Jeová transmutado, no que não acreditam nem judeus nem muçulmanos, pois este não mandou um anjo cantar uma moça, não fez um filho, não foi derrubado do poder pelo filho, que teria se entronizado no lugar dele. Jesus se deixa matar para assumir o lugar de deus principal no cristianismo. O próprio Jeová não é um deus primeiro: ele deriva de Rah, o deus solar egípcio alçado pelos levitas a único deus, para auratizar Akhenaton e sua dinastia, o que entrou em choque com o culto a outras divindades, que acabaram apeando o faraó do poder após uns 17 anos.

O problema é como se entende a transcendência. O modo cristão de entendê-la exige a separação em dois mundos, o terreno e o divinal/infernal, um com tempo e espaço, outro eterno e espiritual: é a duplicação metafísica do mundo. Daí aparecem uns emissários do além, com uma auréola em torno da cabeça, para dizer que são do lado de lá, do outro lado. A religião fica sendo a ligação entre eles, a religação. As igrejas se apresentam como ponte e ficam faturando em cima do além.

Outro modo, laico e simples, de entender transcendência admite que cada coisa vai além de si, seja por

semelhanças ou diferenças, seja por atuar ou por sofrer a atuação de outras coisas. Se tudo se transcende, então não há nada "Ab-soluto", separado de tudo. Não há "dois mundos". O que há são coisas que não se alcançam, que não se conhecem. Há pouco, acoplando oito telescópios, conseguiram ver um buraco negro distante e enorme: ele era transcendente à visualização, agora já não é mais, embora seja transcendente no sentido de que nunca vamos chegar lá. Não é, porém, um deus ou demônio, embora seja poderoso.

Aristóteles diz claramente que nenhum ente pode ser o ser. O cristianismo inventou um ente que seria o ser, como se um ente pudesse ser todos os seres, e isso sem deixar de ser ele mesmo. Isso é contraditório, num Deus que quer ser A=A. Aquino diz que Deus primeiro criou o ser, como conjunto de todas as formas reais e potenciais, um imenso almoxarifado. Ele precisa que sejam formas, para serem espirituais.

Aristóteles dizia que, com a mera forma de algo, por exemplo, de um serrote num desenho, eu não posso serrar nada: preciso da matéria, para dar-lhe a forma adequada de utensílio. A matéria pode ser transformada, mudar de forma. Por isso, ele achava que ela era mais importante do que a forma, devia ser "eterna", enquanto Aquino inventa que Deus teria inventado o ser formado por uma infinitude de formas, não sendo a matéria eterna porque teria sido criada por Deus (depois de ter feito todos os projetos de formas possíveis). Esse deus é um grande arquiteto do imaginário.

Cada ente é o que ele é por ele se transcender em outros entes, por semelhança ou/e contraste, por agir ou/e sofrer a ação. Em todo ente já está contida uma dimensão ontológica, que não está num outro mundo, noutra dimensão, mas nas próprias coisas. Nos termos de Hegel, aquilo que faz de um cavalo ser um cavalo, sua cavalidade, está contida em todos os cavalos, por mais diferentes que sejam. A sua essência é simultânea à sua existência, não anterior, como no mundo das ideias, nem posterior, como no espelho. O que se coloca na mente humano é algo que já está presente nas coisas, desde que a apreensão seja verdadeira.

O que o cristianismo fez foi a duplicação metafísica do mundo, inventou um ente que seria o ser dos seres, Deus. Sendo um ente e sendo O Ser, ele tem no âmago a contradição, embora se diga que ele deva ser idêntico a si mesmo, A = A, fundamento de toda a lógica analítica. Só que um ente tão determinado quanto ele, não pode ser o ser de todos os entes. Ele é uma impossibilidade lógica. Uma contradição que serviu para exorcizar a contradição como algo falso. Ele é um ente, não pode ser o ser, o ser não pode ser gerado por um ente, por mais seres que ele gere.

Se ele fosse infinito, teria de ser todas as coisas que existem e, portanto, se confundiria com elas. Quando Aristóteles falou em “theos”, era para designar aquilo que estaria além do horizonte da nossa apreensão e compreensão das coisas, portanto era algo que fazia parte do cosmos, era intramúndico, assim como os deuses eram parte da “physis”. Os cristãos se tornaram pri-

sioneiros de sua própria imaginação. Até hoje, quando supomos algo como o inconsciente, ele assume dimensões de um "outro mundo" contido no sujeito, mas ele não pode ser tão diferente deste, já que faz parte dele.

Quando se vivencia a arte, naquela "coisa" que está diante de nós se vivenciam sensações e sentimentos e que estão em nós, mas são propiciados pela "coisa". Os fiéis num culto religioso também vivenciam algo que eles projetam naquilo que os estimulam a imaginar. Serão essas duas vivências algo idêntico? Não são.

O que propicia o culto religioso é um ídolo, geralmente *kitsch*: quer ser bonito e, quanto mais quer ser, menos é. Ele não tem importância como tal: ele é apenas o trampolim para a mente saltar para uma transcendência imaginária. É um estado de alienação, em que o sujeito não mais recupera a noção de que ele é que está projetando tudo aquilo: ele está louco, mas não sabe que está. A elevação da mente na apreciação estética deve ser propiciada por um suporte material que realmente tem aquilo que induz ao enlevo, à contemplação do que nos transcende. Há algo mais na "coisa", que não é apenas o côisico da coisa.